

27-11-2023

FOTOGRAFIAS FAKE

Benjamim Pereira Vilela

[Professor Instituto Federal de Goiás - Doutorando UFJatá - Grupo de Estudos e Pesquisas “Espaço, Sujeito e Existência”]

Novembro já está no fim e eu tropecei nas ideias controversas do tempo. Sei que alguns lugares já fizeram as decorações para as festas natalinas, mais pelo calendário e pelas demandas mercadológicas que pelo espírito de Natal e seus símbolos. As luzes e as condecorações em vermelho e branco são o cenário perfeito para uma tática invisível surgida com o advento das câmeras fotográficas acopladas aos telefones inteligentes. A infinidade de fotos tiradas utilizando filtros; ou a utilização dos editores de imagens, como o *photoshop* e outros, dança no final do ano. Aliás, interpelam quase todas as reuniões coletivas, quase todos os instantes.

O caráter performático da fotografia tem mobilizado as pessoas. Praticamente os eventos, lugares, situações como shows de música, culto religioso, evento científico, praia, feira livre, passeios nas ruas, velórios, acidentes violentos, sala de aula, cenas de crimes, são acompanhados dos registros fotográficos. Há sempre alguém empunhando um telefone com câmera fotográfica para registrar cenas e mais cenas.

A relação das pessoas com a fotografia mudou drasticamente nos últimos anos. Em especial, por conta dos novos telefones, os mesmos que possuem recursos que possibilitam fotografar e filmar com qualidade e abundância de recursos e filtros.

A utilização dos ditos telefones inteligentes tornou o trabalho de pesquisadores, auditores, vendedores, comerciantes, mecânicos, professores, entre outros, facilitado.

Visto que é possível fazer registros de detalhes, contribuindo para a sua prática profissional, seja na documentação, seja para mostrar um produto ou para revelar o seu defeito.

A fotografia, articulada com os equipamentos móveis de comunicação, computadores e internet, deixa de ser um passatempo e se torna um importante recurso de comunicação econômico e funcional. A sua intervenção é tão significativa que pode alterar a maneira como as pessoas se relacionam. Todavia

As fotografias também têm causado problemas ligados à saúde mental. A psicologia e a psiquiatria têm apresentado diversos estudos e relatos demonstrando a quantidade de problemas gerados pela alteração da percepção da autoimagem.

Os filtros passaram a ser recursos usados para alterar completamente a aparência e distorcer a autoimagem dos usuários. As consequências são diretas: alteram a percepção dos jovens e também adultos de suas próprias imagens, interferindo na sua autoestima. Em muitos casos, comprometem as relações sociais, colocando em risco a saúde mental. As pessoas ao utilizarem os filtros e suas ferramentas forjam as fotografias com efeitos e recursos de realidade aumentada para modificar a imagem real.

Essas modificações possibilitam que uma fotografia mostre uma pessoa diferente do que ela realmente é.

Ser mais que si mesmo, embora não deixando de ser, faz com que as pessoas queiram sempre utilizar as tais ferramentas. Algumas se tornam dependentes das imagens alteradas, sempre publicando nas redes sociais uma pessoa diferente da realidade. Os recursos apresentam a possibilidade de alterar a cor dos olhos, o brilho da pele, o contorno do peso. Servem como maquiagens artificiais, formatando também o rosto ou a silhueta do corpo.

Ou seja, estamos na era da produção de fotografias fakes.

O problema em questão é que a utilização massiva dos filtros e também de outras ferramentas que alteram as imagens são os resultados negativos sobre a autoestima e problemas emocionais resultantes. Ocasionalmente, inclusive, o desencadeamento de doenças como depressão, anorexia, distúrbios de personalidade, borderline etc. A chegada do final de 2023 certamente trará momentos de tirar muitas - e infinitas - fotografias. A tocada da vida, neste período, é complexa e merece ser registrada. A reflexão que deixo neste texto é de que devemos atentar sobre os efeitos da realidade aumentada que altera as imagens das pessoas, gerando a dependência do “belo” criado pelos filtros.

Com isso, alguns, nunca assumem seus corpos e sempre publicam nas redes sociais uma autoimagem fake.

Em conversas informais com várias pessoas, especialmente com jovens, soube que elas possuem insegurança com a própria imagem. São inseguras também para se relacionar, se posicionar, se assumir.

Lógico que a insegurança não decorre apenas do mecanismo fotográfico e suas dissimulações, mas da ordem do mundo na qual a fotografia dissimulada é um componente.

Ninguém escapa das contradições concretas do mundo. Contudo, não custa nada interrogar o sorriso de jacaré.

■ ■ ■